

Como se fosse realmente um ensaio

Sonia Caruso

Mestrando em Comunicação e Cultura pela Uniso
Especialização em Gestão Pública pela UCDB
É psicóloga pela Unip.
Trabalha na gestão administrativa do IFSP.
E-mail: carusonia@gmail.com

Recebido: 07 out. 2016

Aprovado: 27 nov. 2016

O livro *O Mundo Inteiro como Lugar Estranho* (2016) está dividido em 15 capítulos e seu autor mostra um estilo próprio, engenhoso, ao apresentar vários textos que vão desde narrativa, diálogos, crônicas e relatos até uma estória fictícia. Há um raciocínio lógico na disposição dos capítulos como se fosse realmente um ensaio, com a pretensão de ressaltar suas ideias através de mídias.

No primeiro capítulo, o desenvolve um diálogo entre dois personagens, discutindo ali a importância das perguntas e também de novas perguntas para ver, conhecer, relacionar e compreender a visão de mundo, ao invés de se fixar nas respostas. Além disso, o autor questiona a crise e o sentido da leitura, como há alguns anos as pessoas não leem mais como antes ou como o livro completo. As pessoas leem um capítulo ou uma parte do começo, outra do meio e o final e falam como se tivesse o conhecimento de toda a leitura. É uma redefinição de novas maneiras de leituras da brecha digital.

O livro mostra os pesquisadores preocupados em encontrar outros caminhos para compensar a insuficiência transdisciplinar. Expõe também a necessidade de reavaliar os cruzamentos transdisciplinares, apesar dos encontros necessários. A tarefa atual é analisar as discordâncias, obter conhecimentos melhores, pesquisar, mobilizar, enfrentar, transformar com entendimento e principalmente com prazer, tendo acordo e valor político.

O capítulo denominado, como o livro, *O Mundo Inteiro como Lugar Estranho* é o mais extenso. Intenso e provocador, propõe três tipos de experiências do ser: primeiro, a experiência da migração com a sensação de exílio, a de fuga e a de abandono na busca de um lugar melhor; segundo, a experiência de estar no lugar estranho, por exemplo, sentindo os efeitos tais como: maus tratos, xenofobia e violência e ainda, mesmo assim, não querer voltar ao lugar de origem, percebendo que já não há para onde ir; terceiro, a experiência de se sentir estranho na convivência com a comunicação em redes, ao criar uma expectativa positiva de quebra de barreiras e fronteiras, chegando a uma comunidade mundial. Só que nem todos estão na mesma sintonia, estão em lugares diferentes, em espaços inadequados e tempo diferenciado.

O sexto capítulo intitulado “Pós-Xerox” apresenta um conflito de gerações: não somente gerações de seres humanos, mas também de mídias. As diferentes atitudes tomadas pelas pessoas devido ao potencial midiático – como, por exemplo, não mais pedir por autógrafos do autor na mídia impressa, mas fazer um *selfie* com o autor no telefone celular (estilo *smartphone*), pode ser um exemplo.

O distanciamento midiático tornou-se tão grande que, de acordo com Canclini, um jovem estudante se aproximou e pediu para que ele, como autor de livros, autografasse um livro qualquer, mesmo que o livro não tivesse sido escrito pelo autor. De forma jocosa, Canclini examina e critica a drástica performance humana perante a mudança midiática.

Nos capítulos sete e oito, denominados respectivamente “Supermercado de Papers” e “Por que Existe a Literatura e Não o Nada”, o texto questiona inicialmente o formato dos congressos, de como estes são realizados, idealizados, apresentados, promovidos, analisados, trocados, escutados, arguidos e discutidos. Questiona o trato acadêmico atual como mercado.

No próximo capítulo, Canclini retorna às questões filosóficas formulando as tradicionais questões filosóficas e existenciais: “Por que há algo e não o nada?” (Leibniz) ou “Por que há o ser e não, antes, o nada?” (Heidegger). A pergunta suscita a reflexão da existência dos programas metafísicos, com relação à percepção da vida material e transcendência no âmbito literário, artístico, de enfoques sócio-antropológicos, economia da cultura e das tecnologias digitais.

No nono capítulo, “Democracia Canalha”, Canclini escreve sobre conceitos de público e privado e exige um posicionamento político tanto pessoal, quanto dos grupos políticos como também do Estado e da sociedade para a melhoria da performance na superação de um serviço mais igualitário, eficaz e eficiente.

Nos próximos capítulos, inicia-se um diálogo entre um estudante e seu orientador. A partir desse diálogo, Canclini mostra a inquietação e a indecisão do estudante como debate socrático, em que é direcionado pelo orientador aos melhores caminhos a serem seguidos.

O capítulo intitulado “O Método” introduz a difícil tarefa dos membros de uma sociedade ao atuarem em conjunto, expondo como diferenças sociais e culturais devem ser superadas, como ocorre quando várias pessoas tentam fazer algo comum. Exemplifica-se esse cenário citando pessoas que tocam juntas jazz com partitura ou de forma mais aleatória ou imprevisivelmente.

Canclini mostra preferências por alguns gêneros, identificação por outros, discorda de uns e concorda com outros, mas o ensaio tem papel de revelar o sentido oculto da sociedade e o tratado científico tem o objetivo de controlar e promover a transformação social. O ensaio é uma estratégia de compreensão de um processo histórico.

É um convite para estarmos atentos, principalmente ao que não sabemos, pois precisamos de uma visão mais complexa de criação-comunicação-agrupamento em redes-recepção e apropriação. É, também, um alerta à convivência de tantas diferenças.

Além disso, há a controvérsia entre excessos de informação e, ao mesmo tempo, a informação entrecortada, fragmentada, impedindo de se ter uma visão mais clara do que acontece. Em paralelo, o autor conta uma passagem de sua vida onde o Estado causou-lhe repressão através de seus pais.

Canclini finaliza o livro com os agradecimentos para colaboradores, colegas, amigos, Instituições, leitores e ajudas na busca de informação e produção deste livro.

Referência

CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: EdUSP, 2016.